

Pesquisa do PPB mostra FH reeleito

* 7 JUL 1997

JORNAL DO BRASIL

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso teria 34% das intenções de voto se as eleições para a presidência da República fossem hoje. Este foi o número de pesquisa IBOPE, encomendada pelo PPB, apresentada ao partido durante almoço, há dez dias, no gabinete do presidente do partido, senador Esperidião Amin (SC). A pesquisa indica que a imagem de Fernando Henrique é boa e a de seu governo nem tanto, que o Real é a única realização visível da atual administração e que o presidente não tem, no momento, adversários viáveis eleitoralmente.

Os dados qualitativos da pesquisa, segundo um dos integrantes da cúpula do PPB, fazem crer que a reeleição de Fernando Henrique tem tanto apoio porque os eleitores não visualizam uma opção melhor. O seu principal adversário continua sendo Lula, que obteve 18% das intenções de voto. O ex-presidente

José Sarney recebeu 12%, Paulo Maluf 9%, e o ex-presidente Itamar Franco 7%. Os líderes do PPB na Câmara, Odelmo Leão (MG), no Senado, Eptácio Cafeteira (MA), e os deputados Roberto Campos (RJ) e Benedito Domingos (DF), diante destes números, concluíram que Maluf acertou ao definir-se pela candidatura ao governo de São Paulo.

Cautela — Sem candidato e diante do favoritismo de Fernando Henrique, o PPB pode se incorporar na frente de apoio à sua reeleição. Os dirigentes do PPB, durante a reunião, comentaram que mesmo diante de um quadro tão favorável é preciso ter cautela. Ocorre que um ano antes das eleições de 1989 o favorito era Leonel Brizola, do PDT, e em 1994 era Luis Inácio Lula da Silva, do PT. A pesquisa do PPB também revela que o governo Fernando Henrique tem pontos vulneráveis, que podem ser explorados pela oposição numa campanha.

A privatização da Vale do Rio Doce, os baixos salários e falta de iniciativa para combater o desemprego são algumas das coisas que desagradam a população. O presidente tem uma aprovação acima de 50%, mas quando os 3 mil pesquisados, em todo o país, deram notas setoriais para o governo, o resultado não foi alentador: A nota para a ação do governo na saúde foi de 4,2, na educação 5,2, na agricultura 4,5, na segurança pública 4,1 e na criação de empregos 3,1.

Os profissionais que tratam do marketing do governo reconhecem que existe insatisfação com a ação do governo para melhorar os serviços e resolver alguns dos problemas do país, mas argumentam que esta avaliação é melhor hoje do que há três anos. Além disso, considera-se que a população em geral tem uma avaliação mais negativa do trabalho do governo nas áreas de saúde e de educação, por exemplo, do que

seus usuários. Mas o problema de que o governo Fernando Henrique se resume ao Real persiste e terá de ser corrigido na campanha eleitoral da reeleição.

Cobrança — “Será preciso enfrentar o mito de que o governo não fez nada”, comentou o publicitário Geraldo Walter, da DM-9 Institucional, que trabalhou na campanha de Fernando Henrique em 1994. Sua avaliação é a de que a população gosta do administrador “realizador” e que o imaginário popular cobra dos governantes obras, prédios e asfalto. O Plano **Brasil em Ação**, que selecionou 42 projetos, com a promessa de conclusão até 1998, pretende responder a esta demanda eleitoral. “A marca devem ser as realizações”, defende o presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela (AL).

Há outras questões, entretanto, que o governo terá maior dificuldade para enfrentar na campanha eleitoral. Uma delas é o tema da

segurança, um dos dedos da campanha de Fernando Henrique, que é dramática nas grandes cidades, mas sobre a qual a capacidade de intervenção do governo federal é muito pequena. A segurança pública é responsabilidade dos estados, mas o desgaste acaba sobrando para o governo federal.

Fernando Henrique também terá de enfrentar a questão do desemprego, outro dos cinco compromissos de 1994. Na sociedade, esta questão provoca um verdadeiro pânico. Na pesquisa encomendada pelo PPB este temor está estampado: para manter seus empregos, a maioria dos pesquisados aceita trabalhar mais horas e tirar menos dias de férias. Os especialistas avaliam que, para sair-se bem deste debate, Fernando Henrique terá de ter capacidade de vender esperança para o futuro, de demonstrar que a economia vai crescer e que o Brasil continuará recebendo investimentos externos.